

## GEOGRAFIAS FICTÍCIAS GEOGRAFIAS DE ENCONTROS

Karina Rousseng Dal Pont<sup>1</sup>  
UDESC e SED/SC  
[karinardalpont@gmail.com](mailto:karinardalpont@gmail.com)

### O PRIMEIRO ENCONTRO

*Luis e Armando tinham chegado diante das ondas um tanto desmemoriados, aquilo parecia não ser sua finalidade. Momentaneamente servia, mas um segredo mais escorregadio os golpeava. As fugas do colégio são o grito interior de uma crise, de algo que abandonamos, de uma pele que já não nos justifica. Tinham perdido uma tarde de colégio, agora deixavam cair as mãos, inclinavam um pouco a cabeça, todos corriam e Luis deixava molhar os sapatos sem levantar o olhar da próxima onda. Compreendia que o dia era cinza, que tinham fugido da escola, que Armando estava a seu lado ocupando um espaço maravilhoso [...]. Já tinham decidido passear.*

“Fugados”, Lezama Lima, 1993, p.38.

A escolha dos trechos de “Fugados” operam na apresentação desta pesquisa para justificar minhas fugas da escola e dos limites que as áreas de conhecimento criam dos seus territórios consolidados, e, também, das aproximações que realizo neste momento como pesquisadora e professora do Ensino Fundamental e Ensino Superior. As fugas não são de algo que se passa fora da escola ou que deprecie a mesma. Mas, pelo contrário, trata dos passeios que realizei dentro da escola na qual passei grande parte da minha vida, “ocupando um espaço maravilhoso” durante as aulas que mais me fascinaram, e dos passeios que realizo agora na busca de aproximar um pensamento criativo que deriva de artistas contemporâneos das aulas de geografia, principalmente do ensino de cartografia.

Na escola as aulas de educação artística eram as linhas de fuga das outras disciplinas. Aquelas imobilizavam meu corpo e minha mente pelos suportes que as constituíam: transmissão de informações, preenchimentos de questionários, contas de matemática que não justificavam tanto esforço, textos do livro didático, mapas difíceis de interpretação, provas escritas, provas orais e decorebas sem fim. Lembro na 7ª série nas aulas de geografia quando a professora colocava dentro de um saco de pano vermelho as cinco regiões do Brasil e tínhamos que individualmente ir até a mesa dela enfiar a mão no saco e, dependendo da região sorteada, deveríamos anunciar diante de todos os colegas de turma seus estados e capitais sem olhar o livro... Nunca desejei tanto sortear a região sul!

As aulas de artes eram o meu deslocamento dentro da escola, os meus passeios. Havia um passeio físico, pois saíamos das salas com suas carteiras enfileiradas, paredes monocromáticas, vidros altos e translúcidos que impediam observar o que se passava fora para um ateliê que ficava num espaço anexo. Repleto de fotografias de obras de arte, pincéis, tintas, máscaras, cores era dentro desse espaço que outro passeio acontecia. Era por onde eu escapava e de acordo com Jorge Larrosa (2006) exercitava minha capacidade

---

<sup>1</sup> Professora colaboradora no Curso de Pedagogia da Faed/Udesc e professora na Rede Pública Estadual de Santa Catarina. Pesquisadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia – Faed/Udesc e membro da Rede Nacional de pesquisas em Geografias, Imagens e Educação, Polo Santa Catarina, articulado ao grupo Geografias de Experiência, vinculado ao Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia/Lepegeo/Faed/Udesc.

para criar silêncios após tantas aulas que exigiam de mim justamento o oposto. Era onde eu criava os meus outros territórios e liberava a imaginação ao tentar desvendar por trás dos bigodes de Salvador Dalí o que aqueles olhos esbugalhados miravam na foto que a professora nos mostrava do artista catalão e suas obras surreais. As releituras de obras de outros artistas, bem como suas biografias cheias de paixão e cores me fascinaram durante os anos que permaneci naquela escola. Era quando eu deixava “*molhar os sapatos sem levantar o olhar da próxima onda*”.

Neste momento revolver a memória e trazer para o presente o encantamento com as aulas de arte na época da escola justificam meu primeiro encontro junto aos processos de pesquisa que desenvolvo como pesquisadora do grupo Geografia de experiência/SC, vinculado a Rede Nacional de Pesquisa Geografias, Imagens e Educação<sup>2</sup>. Trata-se de uma pesquisa que se localiza nas fronteiras entre educação, cartografia e arte contemporânea atuando, de acordo com Wensceslao Machado de Oliveira Jr. (2009, p.19) como criação de “devires outros no pensamento geográfico, produzindo geografias menores”.

Este texto apresenta outros encontros que realizo na tentativa de aproximar o ensino de geografia, especificamente o ensino de cartografia dos processos criativos de artistas contemporâneos, e a produção de imagens e sentidos derivados destes encontros. Apresento experiências realizadas em dois ambientes de formação – a escola de Ensino Fundamental e o curso de Geografia - e as reflexões, ou movimentos de pensamentos derivados das intersecções entre esses dois lugares.

## O SEGUNDO ENCONTRO

Durante os deslocamentos pela 8ª Bienal do Mercosul (2011, Porto Alegre) o encontro com a obra *Geografia de Encontros* de Mayana Redin<sup>3</sup>, provocou questionamentos sobre as possibilidades de intersecções entre a arte contemporânea e a cartografia escolar. Trata-se de uma série de desenhos de nanquim sobre papéis vegetais sobrepostos (29,7 cm x 42 cm) em que a artista “cria cartografias a partir da sobreposição de lugares e paisagens – ou das linhas que circunscrevem suas formas e definem suas fronteiras. São essas abstrações, limites observáveis apenas no papel [...] que escrevem as aproximações promovidas pela artista” (Ramos, 2011, p.212). Assim foi possível observar encontros entre lugares reais que a cartografia oficial jamais possibilitaria como “Encontro de países sem mar” (2011), ou “Mônaco encontra a Rússia” (2011) (Figura 01).

A desobediência às regras de configuração de um mapa oficial como escalas, legendas, fontes, nestas obras atuam como ferramentas que deslocam a cartografia oficial, e, conseqüentemente, as formas de pensar o espaço e nos modos de produzir suas apresentações. Pois, a cartografia oficial pela força que possui em sua perspectiva vertical de representar o espaço provoca achatamentos ao tornar os relevos, depressões, movimentos de crosta, sensações e dinâmicas, tudo que é vivo na superfície da Terra em elementos estáticos. Imobiliza a formação de um pensamento espacial ao dar aos mapas oficiais a verdade sobre as formas de apresentar o espaço, dando a impressão de que este é apenas uma superfície, uma esfera de uma completa horizontalidade (Massey, 2008, p.160). Faz obliterar pela força da ordem as subjetividades humanas que também são

---

<sup>2</sup> Trata-se do projeto de pesquisa de doutorado: “Educação, cartografia e arte contemporânea: o mapa como criação de resistências” e seus desdobramentos junto ao processo de formação de professores.

<sup>3</sup> Mayana Redin é uma artista brasileira que trabalha com desenhos e “constrói geografias fictícias, encontros impensados. Mares, montanhas, ilhas, buracos negros, vales e penhascos são alguns elementos que integram seus trabalhos, realizados em nanquim, grafite, aquarela, ou ainda, por meio de vídeos e instalações” (Ramos, 2011, p.211).

necessárias aos processos de produção, apresentação e compreensão do espaço<sup>4</sup>. Ou seja, as relações que os sujeitos criam através das experiências cotidianas com as ruas, os monumentos, as praças, as esquinas, os relevos, na sua maioria são negligenciadas num mapa oficial.

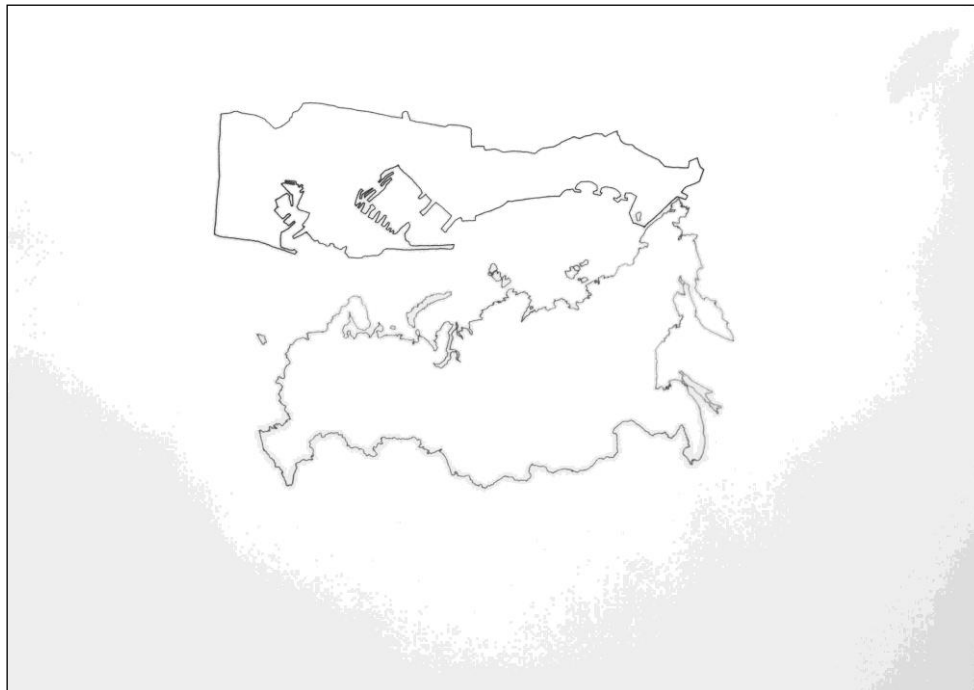


Figura 01: Mônaco encontra a Rússia, 2011. Nanquim sobre papel vegetal, 29,7cm x 42 cm. Foto: Cristiane Geraldelli. Fonte: 8ª Bienal do Mercosul: ensaios de geopoética: catálogo, 2011, p. 212.

As experiências realizadas durante as aulas introdutórias de geografia com uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental, e com alunos da 6ª fase do curso de Geografia a partir da obra de Mayana Redim criaram algumas discussões junto aos alunos sobre as produções de verdades que a cartografia oficial produz sobre o espaço: por que nos mapas a Europa sempre está no centro? Quais são as relações da escala com a realidade? Se o mundo é dinâmico por que utilizamos sempre o mesmo mapa e da mesma forma para representá-lo? Podemos alterar os mapas? Podemos produzir as nossas formas de cartografar o mundo? Essas perguntas foram necessárias ao considerarmos o processo de alfabetização cartográfica como uma forma que tende a limitar os sentidos da cartografia. Pois a cartografia como é ensinada nas escolas deriva de uma ideia cartesiana e positivista de tomar o espaço como superfície, e a imagem reproduzida nos mapas utilizados em sala de aula como verdade.

Nesse sentido, a partir do encontro com a arte contemporânea, não como o melhor ou único meio de dizer as coisas do mundo, mas como possibilidade de intervenção na cartografia oficial tomou-se, no sentido *deleuziano*, a arte como criação de outras cartografias, como resistência ao que aí está posto, principalmente pelas obras didáticas que sustentam em grande parte as práticas escolares. Resistir não somente como uma situação de oposição ou negação a cartografia oficial, mas de acordo com Paulo Domenech

---

<sup>4</sup> Neste texto utilizo de acordo com Wenceslao Oliveira Júnior, o termo “representação do espaço” relacionada à cartografia oficial com todos seus aparatos de legitimidade: como legendas, escala, símbolos, etc. E o termo “apresentação do espaço” rumo a outras cartografias para além da oficial, ou seja, aquela que escolhemos como outras formas de dizer do espaço.

Oneto (2007, pág.210) “resistir é antes re-existir, se projetar para além do presente, para além de nossas experiências já codificadas, para além de um domínio do possível decidido de antemão nas esferas da moral e da política”.

Portanto, com estas experiências em sala de aula, desejou-se criar resistências frente às forças de poder que dominam o fazer cartográfico e os modos como ele é ensinado, considerado única forma de representar o espaço. Construir pelo sensível uma poética cartográfica como uma singularidade que desloca coisas no mapa e no modo de pensar sua produção ao “manter-nos ativos em nosso enfrentamento do que parece não querer mudar, ou do que muda muito rapidamente para nós (o caos)” (ONETO, 2007, pág. 210). Uma poética cartográfica que desloca coisas em nós.

### **ATLAS ESCOLAR E “O MODO CERTO” DE REPRESENTAR O MUNDO**

Desde a Educação Infantil através das brincadeiras entre si e com os objetos que as rodeiam as crianças estabelecem relações com o espaço. Deslocam-se, engatinham, exploraram os espaços da casa, da creche, da rua, erguem o corpo, caminham, correm, enfim experimentam livremente o espaço e criam relações com o mesmo, criam trajetos e misturam-se com eles. Porém, o processo de alfabetização iniciada nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental acaba disciplinando o corpo, e de certa forma imobilizando os modos de produzir um pensamento sobre o espaço.

Os desenhos, imaginações do percurso casa-escola, são feitos de acordo com a maneira que o aluno se relaciona com o espaço, porém são, em regra, posteriormente tomados como algo precário, pois não são constituídos com elementos básicos da cartografia formal como norte, visão vertical e escala. O conhecimento da linguagem cartográfica parte deste modo de grafar para negar-lhe a legitimidade de linguagem a falar do espaço. (GIRARDI, 2011, p 02)

Essa negação se perpetua pelo Ensino Fundamental e Médio, e até a universidade, pois os mapas e as formas de produção dos mesmos raramente são problematizados em sala de aula justamente porque nós professores entregamos aos nossos alunos o mapa pronto, tal qual eles nos chegam pelos materiais didáticos. Principalmente pelos limites das imagens e textos que os livros didáticos oferecem, e pelo “*poder ‘domesticador’ dos mapas escolares, como decalques da realidade*” (Preve, 2010, p.81) como única forma de apresentar o espaço aos alunos.

Assim buscamos a partir da experiência realizada com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental durante as aulas introdutórias deste ano, provocá-los sobre quais as finalidades e funções dos mapas para a formação de um pensamento espacial. O comando para essa ação era o de escolher o país que gostaria de conhecer através do uso do atlas escolar (que além de um globo terrestre e alguns mapas temáticos de pendurar no quadro, são os únicos recursos que a escola oferece para aulas de geografia), e em duplas promover um encontro entre eles, buscando após esse encontro analisar o que esses países possuíam em comum. Num primeiro momento o silêncio (...). O comando foi repetido como tentativa de esclarecer o pedido. Novamente o silêncio (...). Aos poucos uma pequena movimentação iniciou-se em busca de no atlas encontrar o que a professora havia solicitado. Silêncio (...). Alguns minutos depois as primeiras falas começaram timidamente a surgir: “mas o modo certo de fazer um isso é desenhar como está aqui no atlas, não é professora?” ou, “profe, o mar nos mapas é sempre azul, né?”.

Ao manusear os atlas buscando encontrar seus países, se depararam com dúvidas se o lugar escolhido era país, estado ou cidade. “Ah quero conhecer a África”, alguém gritou do fundo da sala. “Mas a África é o que professora?”. “Quero conhecer os Estados Unidos, porque a cantora Adele é de lá”. “Já sei Disneylândia!”, outro se manifestou eufórico como

o sonho de qualquer adolescente. “Vou para a França, minha mãe morou lá antes de eu nascer, ela diz que é lindo lá. Tem até um mapa que ela guarda em casa de lá”. “Meu tio mora em Dublin”. E assim as referências da família, ou de um gosto musical (mesmo que Adele seja inglesa e more em Londres) deram sentido ao pedido inusitado numa aula de geografia. Pareceu inusitado não só pela demora em compreenderem o que havia sido solicitado, mas pela possibilidade de deslocar coisas naquele atlas velho e empoeirado da biblioteca e assim criarem outras cartografias.

Em alguns atlas faltavam páginas, outras páginas estavam coladas com fitas e os contornos de alguns países acentuados tantas vezes por lápis que pareciam até mapas em braille (muito provavelmente de tanto ser usados para a realização dos decalques em papel vegetal). Tanto que a maioria procurou num primeiro momento obedecer à lógica dos mapas como *decalques da realidade* (Figura 02):

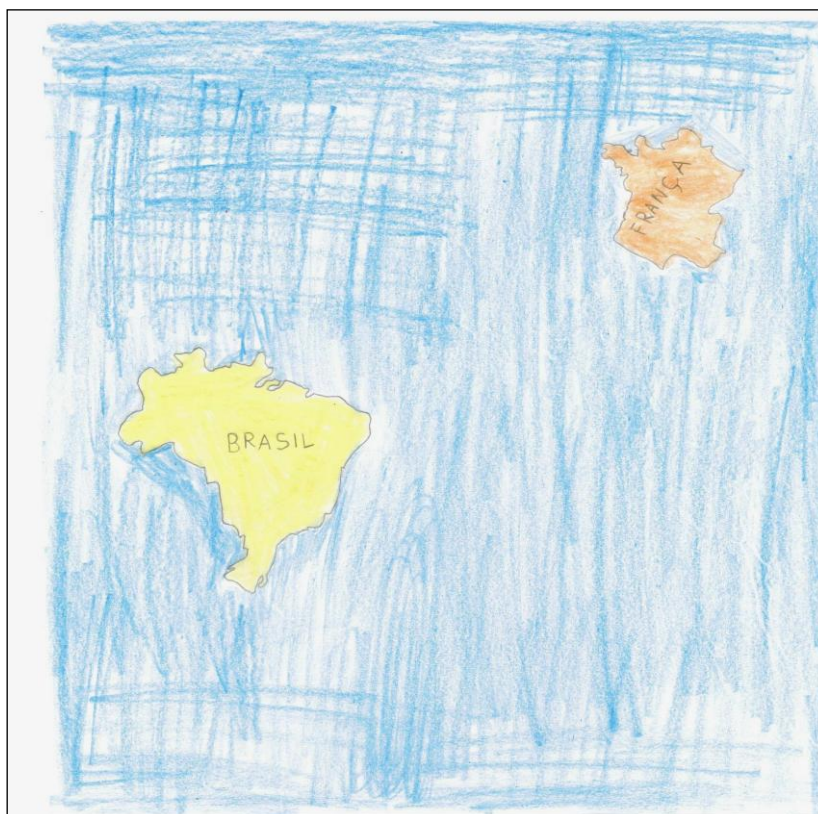


Figura 02. O mar nos mapas é sempre azul, 2013. Papel sulfite e lápis de cor.

Aos poucos ao longo da atividade alguns começaram a demonstrar pelas cartografias apresentadas à desobediência as regras da cartografia oficial, tal qual a artista Mayana Redim apresenta em suas obras. O Brasil encontrou o México (Figura 03), segundo os alunos, pois ambos “são países pobres, porém o Brasil ainda é mais rico que o México, por isso ficou em cima”. Assim como Maranhão encontrou o Rio Grande do Sul (Figura04), mesmo que o pedido fosse de países que gostariam de conhecer, os dois alunos resolveram realizar um encontro entre os estados que marcaram o começo de suas vidas e deixaram as saudades da família.

Em outras obras selecionadas podemos perceber a busca em demonstrar como os alunos se deslocariam de um país ao outro (Figuras 05 e 06). Havia a curiosidade em percorrer os atlas com os dedinhos sobre o continente americano para saber se era possível sair da Bolívia e ir até o Alasca (parte do território estadunidense) de carro

(Figura 06): “Ah profê, é um pouco longe mas acho que chegaremos lá”. Os alunos mesmo sem ter acessado a série de obras da artista Mayana Redim, foram criando suas “geografias fictícias” (Ramos, 2011, p.211) tal qual a artista, a partir dos movimentos das referências oficiais da cartografia, invertendo os sentidos das formas absolutas que os atlas representam sobre o mundo, e não apenas interpretando as informações dadas pelos mesmos.

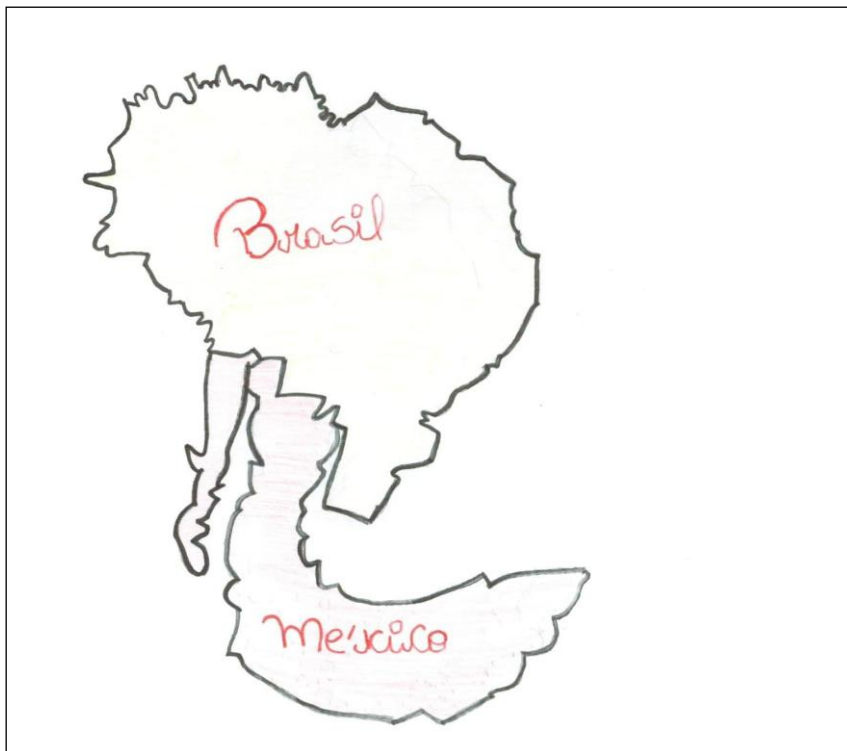


Figura 03: Brasil encontra o México, 2013. Folha sulfite, lápis e caneta vermelha.

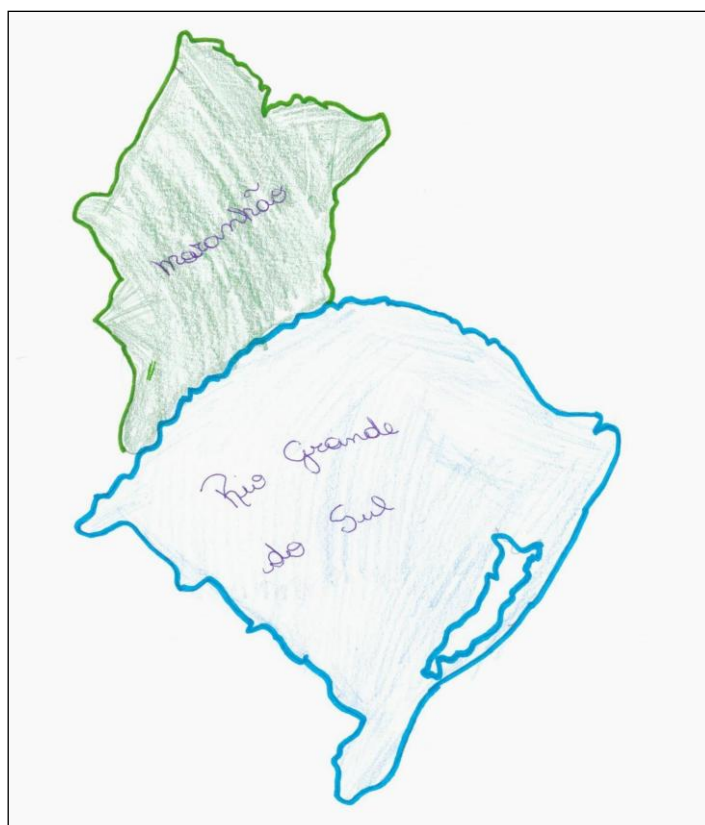


Figura 04: Maranhão encontra o Rio Grande do Sul, 2013. Folha sulfite, lápis de cor e canetinha hidrocor.

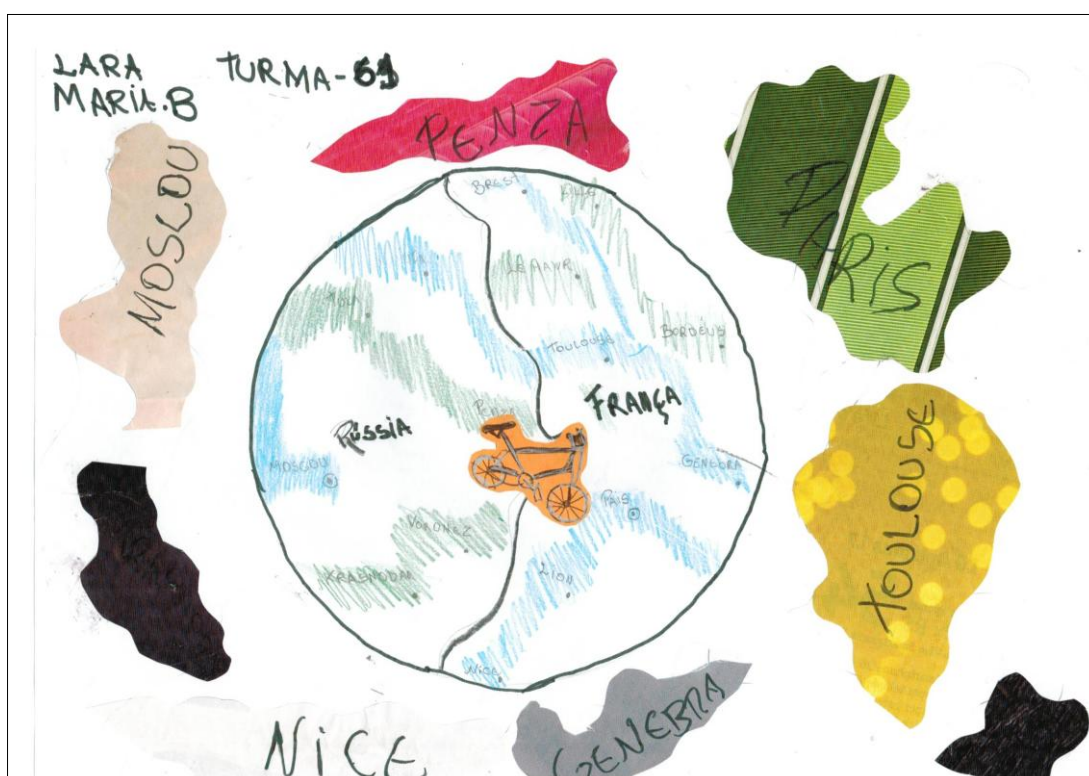


Figura 05: Da Rússia à França de bicicleta, 2013. Folha sulfite, lápis de cor, cola e recortes de revista.

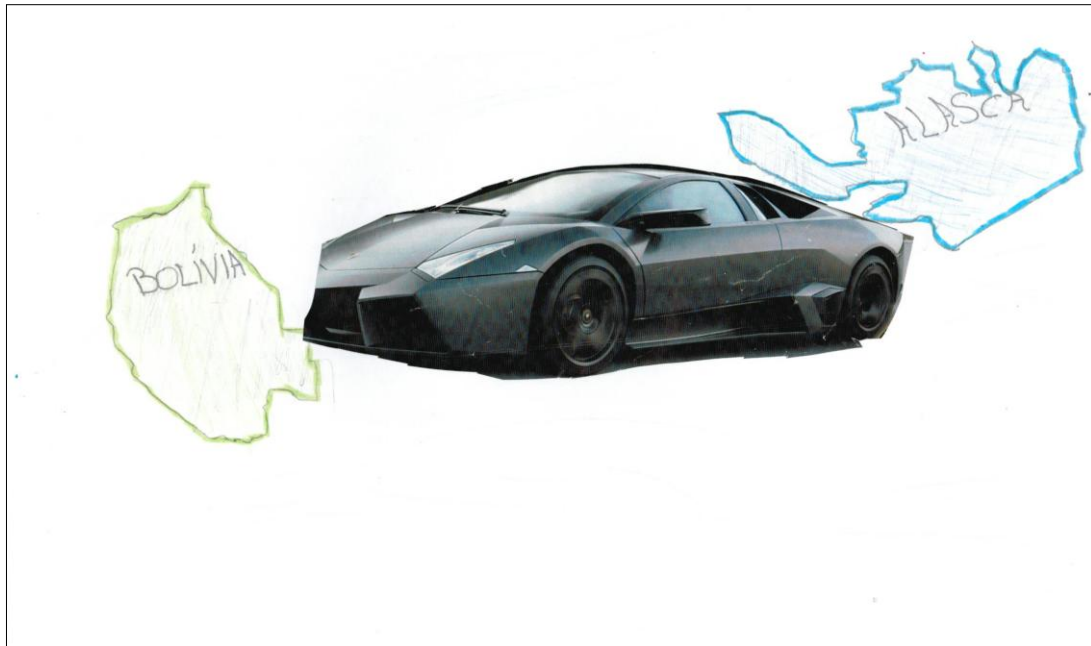


Figura06: Bolívia encontra o Alasca de carro, 2013. Folha sulfite, lápis de cor, cola e recortes de revista.

### **AS DIFICULDADES EM PERDER-SE COM UM MAPA NAS MÃOS**

No segundo semestre de 2013 fui convidada a dar uma palestra aos alunos que cursam a disciplina de Didática Especial da Geografia, da 6ª fase do curso de Geografia da UDESC, para falar sobre meus processos de pesquisa e oferecer uma oficina voltada às práticas de ensino na escola. Nesta etapa do currículo que forma ao mesmo tempo bacharéis e licenciados em Geografia, os acadêmicos estão se aproximando da escola via Estágio Curricular Supervisionado e já cursaram quase metade das disciplinas do curso.

Utilizando o mesmo sentido da proposta anterior realizada na escola, optei em continuar promovendo *Geografia de encontros* (2011) baseada ainda na obra da artista Mayana Redin. Em duplas o comando era promover encontros entre países que desejassem conhecer, justificar a escolha e construir um título para a obra. Para isso foram entregues folhas de papel vegetal, que também é base dos desenhos da artista em sua série, e cópias de planisférios políticos (pois na universidade não havia atlas para todos usarem, e os mapas de pendurar no quadro eram da época da União Soviética) e a projeção no quadro de um mapa-mundi.

Os silêncios nesta ocasião deram lugar aos conhecimentos específicos que estudantes desta área já possuem, como: noções da cartografia oficial pelo aparecimento de escalas como na Figura 09 (mesmo que não solicitado) e a manutenção das proporções entre os países (Figuras 08 e 10); questões de geopolítica como na obra “Mapão com calma” (Figura 07) em que o nome do bombardeiro que lançou as ogivas nucleares sobre o Japão apareceu na interpretação do aluno sobre o fim da II Guerra Mundial; ou no caso: “E se a corrida nova o oeste fosse para o norte?” (Figura 09) em que México e Estados Unidos aparecem numa fusão territorial, fazendo desaparecer fronteiras entre territórios tão bem demarcados na realidade. Em “Altos e baixos, um encontro entre Holanda e Nepal” (Figura 08) as acadêmicas justificaram o encontro entre o país mais alto e o mais baixo em relação à altimetria, e também pelas disparidades econômicas entre eles.





Figura 07. Mapão com calma, 2013. Papel vegetal e caneta esferográfica azul.



Figura08. Altos e baixos, um encontro entre Holanda e Nepal, 2013.  
Papel vegetal, lápis grafite e lápis de cor.

Ao analisar os encontros que os acadêmicos, quase geógrafos, proporcionaram em suas obras e pelas escolhas dos títulos, encontramos referências às leituras do cotidiano acadêmico, bem como a manutenção da ordem cartográfica para suas produções, havendo inclusive um cuidadoso processo de reprodução dos limites territoriais ao mesmo tempo em que buscaram justificar as escolhas dos países trazendo para a reflexão questões que envolvem a geopolítica, características físicas, econômicas, etc, sem contar as preocupações com as desigualdades no mundo.

Nessas experiências a intersecção com as experimentações provocadas pela investigação em processos criativos da arte contemporânea a partir do encontro com a *Geografia de encontro* de Mayana Redin, e as situações cotidianas que as práticas de ensino envolvem, podem ser o convite à elaboração de outras leituras espaciais, políticas, econômicas junto aos alunos do Ensino Fundamental e também dos acadêmicos do curso de Geografia. Ao tratar dessas conexões como invenções de resistências é possível olhar para os mapas não como fórmulas prontas ou únicas sobre o espaço, se apropriar da arte como criação de outras cartografias, ir além das suas funções de leitura e comunicação que a cartografia escolar teima em reproduzir. Tirar do mapa e do ensino de cartografia apenas a função instrumentalizadora e agregar a imaginação, a sensibilidade, o afeto e a criação sobre um espaço complexo a partir das imagens proporcionadas por esse exercício. Criar geografias fictícias!

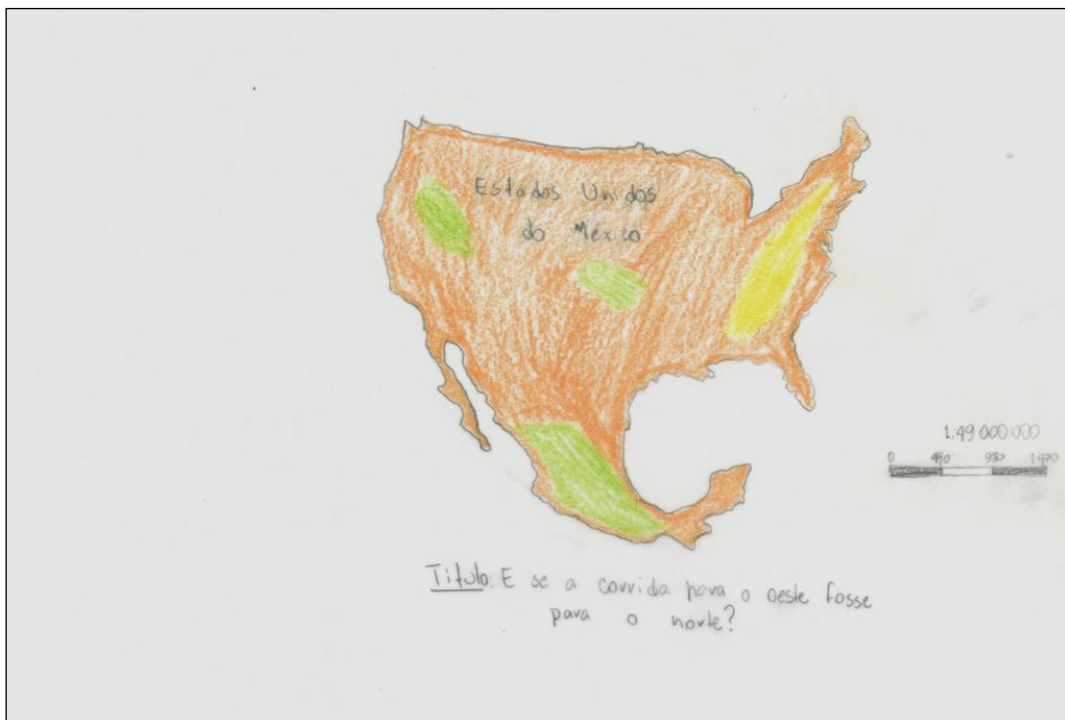


Figura09: E se a corrida nova o oeste fosse para o norte? 2013. Papel vegetal, lápis de cor e lápis grafite.

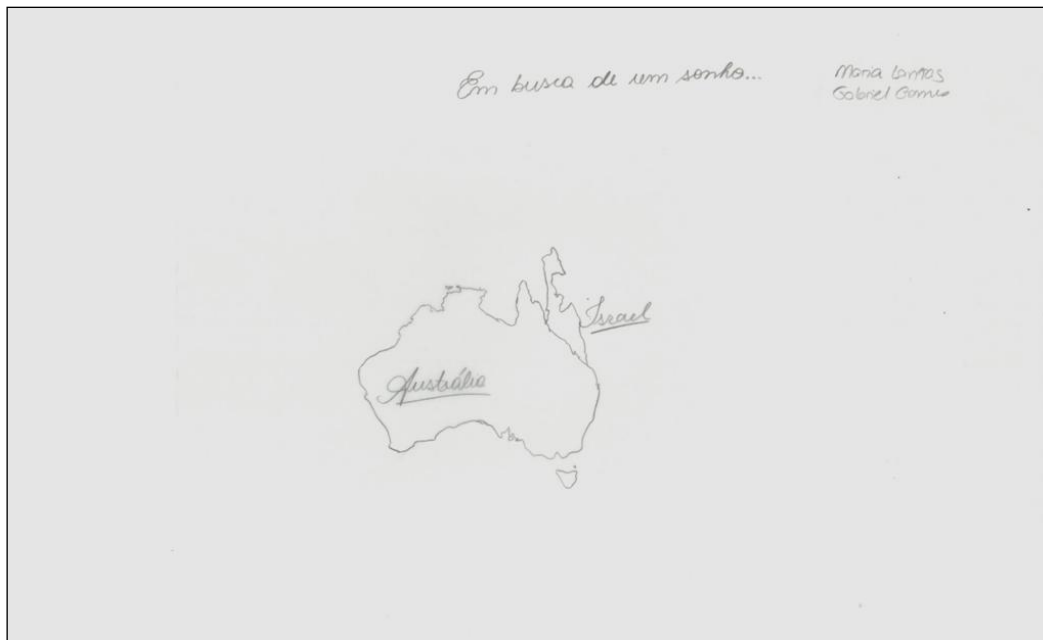


Figura 10: Em busca de um sonho, 2013. Papel vegetal e lápis grafite.

### OUTROS ENCONTROS POSSÍVEIS

Neste momento retorno ao cenário descrito no início do texto para justificar a importância daqueles encontros de infâncias com as aulas de arte, das minhas fugas na escola que proporcionam hoje a busca pelo contato com a arte contemporânea em meus processos de pesquisa. Gostaria de ressaltar que nos últimos anos o encontro com a arte se deu intensivamente em dois momentos diferentes: numa proposta de formação cultural com os alunos do curso de Pedagogia no ano de 2010, quando organizamos uma viagem a São Paulo para percorrer alguns museus e visitar a 29ª Bienal<sup>5</sup>, e posteriormente uma visita particular a 8ª Bienal do MERCOSUL<sup>6</sup>, em Porto Alegre no ano de 2011.

Nessas duas visitas a potência da arte frente a temas comuns, como política, economia, fronteiras espaciais, fez reverberar em mim possibilidades concretas de buscar abrir a cartografia escolar e suas formas limitadas oferecidas para se pensar o espaço. A arte atravessa esta pesquisa pela busca intensiva por outros elementos que possam colocar de acordo com Ana Maria Preve (2010) o mapa sob suspeita e criar resistências à cartografia oficial.

A experiência no Ensino Superior e Fundamental abrem frentes de ação: como trabalhar a cartografia contribuindo para formação de um pensamento sobre as formas de apresentar e representar o espaço? Como produzir um leitor de mapas para além de uma decodificação técnica da linguagem cartográfica? Como experimentar, concordando com Wenceslao de Oliveira Júnior (2011) outras linguagens na escola “*não somente como componentes do ato comunicativo, mas também, e, sobretudo, como viabilizadoras de novas produções de mundo*”? Quais as possibilidades desses encontros fazerem irromper outras cartografias no ensino de geografia? Como voltar a epígrafe deste memorial e provocar nesses futuros educadores as *fugas da escola* e de seus aparatos de imobilidade?

Estar no ambiente acadêmico, trabalhar com a formação de professores e voltar ao Ensino Fundamental para tensionar essas questões acima e desejar provocar “*linhas em que se afirme a aprendizagem experimental como aprendizagem da variação dos modos,*

<sup>5</sup> <http://www.29bienal.org.br/> Acessado em 15/03/2012.

<sup>6</sup> <http://www.bienalmercosul.art.br/> Acessado em 15/03/2012.

*fazendo ressoar no pensamento a complicação implicada na vida, levando-o ou obrigando-o a exercer sua potência máxima: pensar”* (GODOY, 2006, p.133).

#### REFERÊNCIAS:

- GIRARDI, Gisele. Mapas Desejantes: uma agenda para a Cartografia Geográfica. *Pró-Posições. Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação- Unicamp*, v. 20, n.3(60) –set/dez. 2009. (p.147-157).
- \_\_\_\_\_. Cartografias alternativas no âmbito da educação escolar. *Revista Geográfica de América Central*. Número Especial do EGAL, Costa Rica, 2011. (p.1-15).
- GODOY, Ana. *Conservar docilidades ou experimentar intensidades*. In: PREVE, Ana Maria Hoepers; CORRÊA, Guilherme (orgs). *Ambientes da ecologia: perspectivas em política e educação*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007. (p.121-138).
- LARROSA, Jorge. *Do espírito de criança à criança de espírito*. IN: \_\_\_\_\_. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, 4 ed.(p.45-71).
- LIMA, Lezama José. *Fugados*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Iluminuras, 1993.
- MASSEY, Doreen B. *Pelo espaço: uma nova política de espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- RAMOS, Alexandre Dias (Coord.). *8ª Bienal do Mercosul: ensaios de geopoética: catálogo*. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.
- PREVE, Ana Maria Hoepers *Mapas, prisão e fugas: cartografias intensivas em educação*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao M.; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de Geografia. *Anais do XI Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. 17 a 21 de abril de 2011. (CD-ROM)